

Andréa Brächer: Lilith, o irrevelável e ambíguo do desejo

*Andréa Brächer: Lilith, the irrevocable
and ambiguous desire*

SANDRA MARIA LÚCIA PEREIRA GONÇALVES*

Artigo completo submetido a 28 de dezembro de 2017 e aprovado a 17 janeiro 2018

*Brasil, artista visual.

AFLIAÇÃO: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO), Departamento de Comunicação. Rua Ramiro Barcelos, 2705, Santana, Porto Alegre — RS, 90035-007, Brasil. E-mail: sandrapgon@terra.com.br

Resumo: O artigo tem como foco de reflexão a série fotográfica *Lilith* (2008), produzida pela artista visual brasileira Andréa Brächer (Porto Alegre, 1969). Na série, composta por 10 imagens fotográficas em negativo vermelho, a artista se apropria e ressignifica imagens de crianças mortas, fotografadas como se vivas estivessem. De forma metafórica, as ambiguidades que permeiam a maternidade e os sentimentos contraditórios da mulher em relação a sua prole são problematizados. O suporte teórico para discutir tais questões vem de autores como Fernandes (2006); Laraia (1997); Trama (2016) e Parker (1997).

Palavras chave: fotografia expandida / *Lilith* / maternidade.

Abstract: *The article focuses on the Lilith photography series (2008), produced by Brazilian visual artist Andréa Brächer (Porto Alegre, 1969). In the series, composed of 10 photographic images in red negative, the artist appropriates and re-signifies images of dead children, photographed as if they were alive. Metaphorically, the ambiguities that permeate motherhood and the contradictory feelings of women in relation to their offspring are problematized. The theoretical support for discussing such questions comes from authors such as Fernandes (2006); Laraia (1997); Trama (2016) and Parker (1997).*

Keywords: *expanded photography / Lilith / maternity.*

Introdução

O presente artigo tem como foco de reflexão a série fotográfica *Lilith* (2008), produzida pela artista visual brasileira Andréa Brächer (Porto Alegre, 1969), fotógrafa e pesquisadora na área da fotografia. A série *Lilith* é composta por 10 imagens produzidas em 2008 e faz parte de uma série maior, *Assombr (e) amentos* (2005-2009), executada pela artista durante uma gravidez de gêmeos e a relação com os filhos no período que se seguiu ao parto, coincidente com a realização de seu doutorado no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. Em sua tese de doutorado intitulada *Assombr (e) amentos: Poéticas do imaginário infantil através de processos fotográficos históricos* (2009), Brächer “[...] investiga o fazer fotográfico através da evocação de iconografias ligadas à relação maternidade-infância” (Brächer, 2009: 23). Ambos os processos, o fotográfico e o da gravidez da artista, correm em paralelo, se retroalimentam e tecem/criam futuros a serem revelados. *Lilith* nasce nesse universo de problematizações e assombramentos. A série aborda, especificamente, de forma metafórica, as ambiguidades que permeiam a maternidade, os sentimentos contraditórios da mulher em relação a sua prole. A série *Lilith* foi exposta na Galeria Iberê Camargo, Centro Cultural Usina do Gasômetro (2008-2009), na cidade de Porto Alegre, Brasil e concorreu ao *III Prêmio Açorianos de Artes Plásticas* (Brasil, 2009).

Para refletir sobre a série serão utilizados como referenciais teóricos autores como Fernandes Junior (2006), para pensar a fotografia expandida, lugar onde se localiza o fazer artístico de Brächer; Laraia (1997), para pensar a figura de *Lilith*, aquela que ousa afrontar a naturalização da posição servil da mulher frente à Sociedade do Falo. Trama (2016) e Parker (1997) darão suporte às questões referentes às ambiguidades que cercam a maternidade.

1. A artista e seu trabalho

Andréa Brächer possui formação na área da Comunicação e da Arte. Formada em Publicidade e Propaganda pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2001), é mestre em História, Teoria e Crítica de Arte pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2000) e doutora em Poéticas Visuais (2009) no mesmo Programa. Docente e artista, tem como foco ensino e pesquisa da fotografia em sua vertente histórica, especificamente técnicas e processos fotográficos históricos de impressão do século XIX. Desde 1999 participa do circuito artístico brasileiro em exposições individuais e coletivas. Seus trabalhos perpassam experimentações químicas das mais diversas

e os cruzamentos dessas com as tecnologias digitais. Alguns de seus trabalhos podem ser visualizados no site oficial da artista (www.andreabracher.com.br). Pode-se dizer que o trabalho de Brächer se insere naquilo que se convencionou chamar de Fotografia Expandida (Fernandes Junior, 2006).

1.1 A Fotografia Expandida

Entende-se, conceitualmente, a partir de Fernandes Junior (2006), a Fotografia Expandida como aquele modo de fazer fotográfico que possui como aspecto central a experiência do artista no seu percurso criativo e os procedimentos técnicos que convoca. Tal fotografia busca se desgarrar dos procedimentos clássicos do fazer fotográfico; nesse lugar a imagem fotográfica é matéria expansível que se modela frente ao processo criativo do fotógrafo/artista. Mestiçagens de meios e materiais articulam-se para a realização dos objetivos do artista, seu processo criativo é quem dita as regras do fazer desse exercício empírico, vivencial.

Na Fotografia Expandida as possibilidades de intervenções em todo o processo fotográfico para a expressão do artista são inúmeras. Tal fotografia não se prende ao momento da tomada fotográfica. O antes, o durante e o depois são suscetíveis a diferentes formas de intervenção e manipulação que perpassam o objeto e o modo de utilização do aparelho, chegando às manipulações na superfície de captação da imagem (analógica e/ou digital) e continuam na circulação e no uso social dado à fotografia. Nesse ir e vir, a fotografia adquire seu caráter simbólico. Importa dizer que tal fotografia dá “[...] ênfase no fazer, nos processos e procedimentos de trabalho cuja finalidade é a produção de imagens que sejam essencialmente perturbadoras [...]” (Fernandes Junior, 2006:11). Desafiadora, subverte padrões e vai além da referência.

Na série *Lilith* é possível perceber esse modo de proceder no trabalho de Brächer: a artista se apropria e ressignifica imagens de crianças mortas, fotografadas como se vivas estivessem (Figura 1). A imagem final em negativo vermelho é outra apropriação/criação de Brächer que fragiliza a referência dada e provoca o observador a mergulhar em suas próprias trevas.

2. Introduzindo *Lilith*

A série *Lilith*, foco desta reflexão, é **antecedida por** estudos da artista acerca do século XIX, durante a chamada Era Vitoriana. Brächer se debruça, principalmente, sobre os conteúdos dos chamados Contos de Fadas que surgiram à época, e sua influência sobre as crianças de então. Segundo a artista “[...] o contexto cultural e sociológico, a infância e sua representação, o advento dos Contos de Fadas de Hans Christian Andersen e dos irmãos Grimm e os recursos

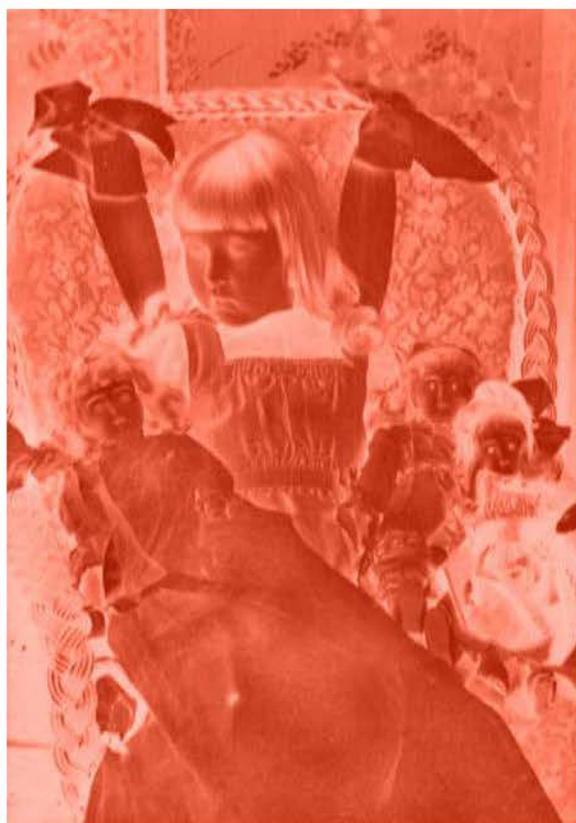


Figura 1 - Andréa Brächer, Sem título, Série *Lith*, dimensões variáveis, 2008. Imagem fornecida pela artista.



Figura 2 - Andréa Brächer, Sem título, Série *Lítih*, dimensões variáveis, 2008. Imagem fornecida pela artista.

Figura 3 - Andréa Brächer, Sem título, Série *Lítih*, dimensões variáveis, 2008. Imagem fornecida pela artista.

fotográficos e práticas do meio estão na gênese deste trabalho” (Brächer, 2008: Catálogo da Exposição *Lilith*). No que concerne aos Contos de Fadas, de acordo com Perez (s/d), ressalta-se que sua origem remonta a cultura céltico-bretã de origem pagã. No século XVII, o poeta e advogado francês Charles Perrault reuniu algumas dessas histórias através da compilação de narrativas orais. Tais histórias foram ressignificadas no século XVIII através dos contos dos irmãos Grimm e, posteriormente, através dos contos de Hans Christian Andersen, recompilados no **século XIX**. Ambos os autores fazem uma releitura dos contos reunidos pelo francês Charles Perrault no século XVII. Os contos originais possuíam características que foram ocultadas pelos Grimm e por Andersen. Esses escritores, de origem cristã, escolheram suprimir os aspectos mais polêmicos que essas histórias envolviam como sexualidade, violência e maldade, inclusive com crianças. Percebe-se, em uma leitura mais atenta, que alguns desses Contos apresentam ainda hoje vestígios do mundo aterrorizante que estava presente nas histórias originais onde as mulheres, em sua maioria, jovens ou velhas são representadas como bruxas e malvadas. Brächer soma a essas reflexões suas próprias experiências infantis: “[...] acalantos, contos de fadas, estórias de assombração e monstros [...]” (Brächer, 2008: Catálogo da Exposição *Lilith*) internos e externos. Então, se pode pensar que a infância, essa construção social variável no tempo e no espaço, é atravessada por ambiguidades onde convivem, lado a lado, o sonho, o pesadelo, o medo, o desejo e a morte. É dessa matéria ambígua, que perpassa o trabalho de Brächer, que surge *Lilith*. *Lilith* deriva desse universo que tem na infância e em suas relações o tema central, e onde a maternidade se coloca como uma questão problemática e ambivalente para muitas mulheres.

Ao pensar, no contemporâneo, o universo da mãe ambivalente, Brächer passou a colecionar histórias jornalísticas nas quais “[...] eram tratadas as notícias de mães que mataram crianças pequenas [...]. Bebês morrem sozinhos em casa, ou são trancados em porta-malas, abandonados em lixeiras e lagos, mortos por meios brutais e cruéis [...]” (2009:24). A artista reuniu, em sua poética e reflexão, os Contos de Fadas e a representação da mulher como Bruxa Malvada (mãe negativa), que a maioria desses Contos apresenta às reportagens jornalísticas sobre as mães assassinas da atualidade, criando a partir daí uma série macabra de retratos de crianças mortas para refletir sobre a maternidade e as ambiguidades que a cercam, questão fundamental na série *Lilith*.

2.1 A série *Lilith*

A série *Lilith*, como já apontado na introdução deste trabalho, é composta por 10 imagens produzidas em 2008 e faz parte de uma série maior, *Assombr (e)*

amentos (2005-2009) — questões sobre maternidade e infância permeiam as séries reunidas em *Assombr (e) amentos*. Em *Lilith*, de modo mais específico, as questões ligadas à ambiguidade de sentimentos e emoções que envolvem a mulher no período gestacional e pós-parto são o foco de reflexão. Para dar conta da poética proposta na série escolhida, *Lilith*, Brächer utiliza como ferramenta básica para a confecção de sua série a apropriação de imagens documentais expostas em sites da *internet*, bem como em livros de fotografia onde estão presentes imagens de crianças mortas, como se vivas estivessem, tradição corrente no mundo ocidental na segunda metade do século XIX. Brächer transforma essas imagens em negativos de cor vermelha (Figura 1; Figura 2; Figura 3 e Figura 4) impressos em papel vegetal de grandes dimensões (90x115 cm). Através dessas imagens o leitor da imagem é levado para o interior de um universo de dor e perda, de trevas e assombramentos para muitas mães. Metaforicamente, a artista se apropria e faz uso dessas imagens para lançar o espectador num universo mais sutil, relegado às trevas do inconsciente, onde o desejo feminino se divide entre Lilith e Eva (Laraia, 1997).

2.1.1 *Lilith e Eva*

Laraia (1997), baseado no Gênesis e na tradição judaica, entre inúmeras interpretações possíveis, relata que no sétimo dia da Criação, Deus criou o Homem: macho e fêmea de uma só vez e do mesmo pó. A fêmea era Lilith, primeira mulher de Adão. Lilith **não se submeteu à dominação masculina. Ao não se submeter**, fugiu para o Mar Vermelho, lugar habitado por demônios. Adão reclama com Deus sobre a fuga da mulher. Deus manda anjos atrás dela, que se recusa a voltar. Transformada em um demônio feminino passa a devorar recém-nascidos bem como sua própria prole.

Tal afronta a Deus e a Adão tornou necessária a criação de outra mulher, Eva, formada a partir de uma costela de Adão. Aponta-se aí um lugar segundo, de domínio masculino e de submissão feminina. Se comparada a Lilith, que se negou a ser dominada pelo homem, Eva era bem mais fácil de manobrar e de se manter sobre controle. Todavia, não se deve esquecer que Eva convenceu Adão a provar do Fruto Proibido, o que redundou na expulsão de ambos do Paraíso.

2.1.2 *Maternidade e Ambiguidade*

Nesse universo de ambiguidade e conflito apresentado pela artista, Eva, segunda mulher de Adão (criada a partir de uma de suas costelas), tem que matar Lilith (feita do pó, como Adão), domesticando-se. Todavia, parece que de alguma forma, Lilith sobrevive, mesmo que nas bordas da inconsciência. Impulsos

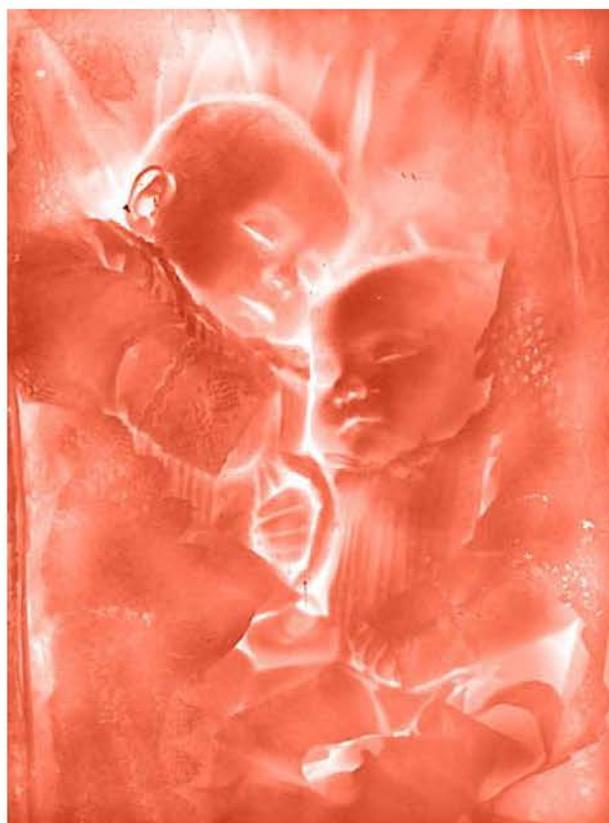


Figura 4 - Andréa Brächer, Sem título,
Série *Lith*, dimensões variáveis, 2008.
Imagem fornecida pela artista.

conflitantes e ambíguos perpassam a maternidade (Parker, 1997), amor e ódio se fazem presentes em relação à prole. Para algumas mulheres tudo é dúvida, dor. Dúvidas sobre a vontade de ter engravidado ou não acompanham a mulher, gerando culpa por não corresponder ao modelo idealizado e naturalizado do ser mãe. Os impulsos conflitantes em relação à maternidade, não assumidos na maioria das vezes pelas mulheres, fazem com que a hostilidade por vezes dirigida aos filhos se volte para elas mesmas, naturalizando o amor materno e domesticando a força feminina que busca a igualdade e a insubmissão. A maternidade parece trazer à superfície tais questões (Trama, 2016).

Diante de tal quadro, Brächer. Por meio de sua técnica e processo criativo, lança mão de processos híbridos, miscigenados que se ancoram no conceito de Fotografia Expandida (Fernandes Junior, 2006) e apresenta, por meio de imagens de crianças mortas, uma metáfora, uma oportunidade para se refletir sobre o modelo imposto pela cultura de que a maternidade, associada ao amor incondicional e abnegação sem limites, é natural e intrínseco ao sexo feminino. Pode-se pensar as imagens apresentadas na série *Lilith* (Figura 1, Figura 2, Figura 3, Figura 4) como uma metáfora para as questões que perpassam o feminino e a ambiguidade do desejo em relação à maternidade. Na poética desenvolvida por Brächer, o negativo em vermelho transforma-se na expressão de um desejo velado de si que, se revelado, se transforma em culpa. As imagens das crianças mortas que se assemelham às vivas participam desse jogo de negação do ambíguo e incerto do desejo. Reforçam essa dualidade e ambiguidade do desejo, as crianças mortas que parecem dormir nas imagens mostradas (com exceção da Figura 1). Espécie de morte, momentânea, o sono tem o seu despertar, todavia estas crianças dormirão para sempre na impressão luminosa das fotografias.

Conclusão

Ao cruzar a técnica fotográfica com lembranças de sua infância misturadas ao seu presente Brächer constrói a série *Lilith*. A partir de uma imagem documento, apropriada para o seu fazer artístico, a artista torna a fotografia matéria plástica expansível para sua arte e ponte para a reflexão de questões existenciais. A série *Lilith* reforça o pensamento de que, se no cotidiano o drama materno com suas aflições e sofrimentos é camuflado, o mesmo não acontece na arte, pelo contrário, a arte os revela sem clemência.

Referências

- Brächer, Andréa (2009) *Assombr(E)amentos: poéticas do imaginário infantil através de processos fotográficos históricos*. Tese doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, ênfase em Artes Poéticas. Porto Alegre, RS.
- Brächer, Andréa (2008). *Lith*. Catálogo da Exposição. Programa de Pós- Graduação em Artes Visuais e Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre, RS, Brasil.
- Fernandes Junior, Rubens (2006) "Processos de Criação na Fotografia: apontamentos para o entendimento dos vetores e das variáveis da produção fotográfica." *FACOM*, n. 16: 10-19. ISSN: 1676-8221. São Paulo, FAAP [Consult. 2017-10-18] Disponível em URL: http://www.faap.br/revista_faap/revista_facom/facom_16/rubens.pdf
- Laraia, Roque de Barros. (1997) "Jardim do Éden Revisitado". *Revista de Antropologia*, v. 40 n° 1: 149-164. ISSN: 1678-9857 São Paulo, USP [Consult. 2017-10-25] Disponível em URL: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/27065/28837>
- Parker, Rozsika. (1997) *A Mãe Dividida: a experiência da ambivalência na maternidade*. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Ventos.
- Perez, Luana Castro Alves. (s/d) "História dos contos de fadas"; *Brasil Escola*. [Consult. 2017-11-10] Disponível em URL: <http://brasilecola.uol.com.br/literatura/historia-dos-contos-fadas.htm>
- Trama, Agnes (2016) "Atualização, Ambiguidade e Culpa: (algumas) Palavras da Maternidade". In *Psicologia Acessível*. São Paulo, SP [Consult. 2017-11-18] Disponível emURL: <https://psicologiaacessivel.net/2016/04/13/atualizacao-ambiguidade-e-culpa-algumas-palavras-da-maternidade/>